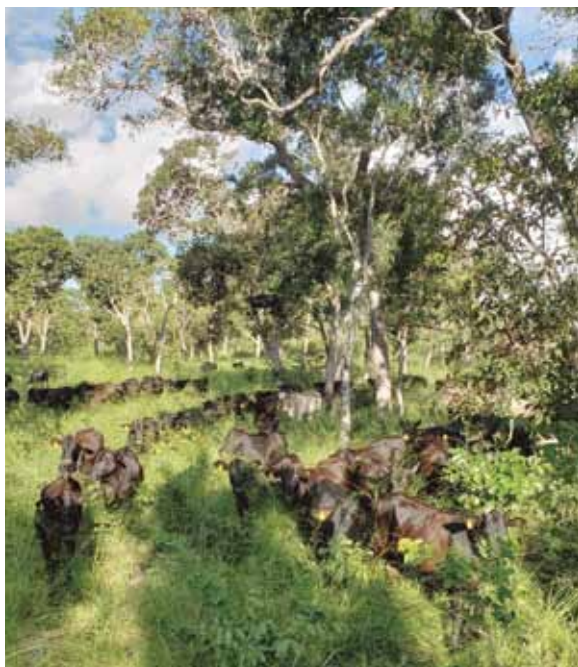


Pastagem ecológica: a natureza agradece

Semear capim em meio à vegetação nativa garante biodiversidade, conforto aos animais e boa produção de arrobas/ha.

Pasto formado sem supressão de árvores nativas: além de sustentável, ele garante sombra aos animais.



ARIOSTO MESQUITA
de Campo Grande, MS

Em 2009, quando começou a participar da gestão da fazenda de sua família – a Santa Fé do Corixinho, de 11.300 ha, localizada em Corumbá, no Pantanal da Nhecolândia –, Eduardo Cruzeta sentia-se incomodado com o sistema tradicional de abertura de novas áreas, que pressupõe a remoção total da vegetação nativa, classificada por ele de “intervenção forte”. Também não entendia porque todo o material lenhoso proveniente da abertura era eliminado com fogo. Foi, então, que Cruzeta propôs à família a adoção de um modelo inovador e ecologicamente menos impactante: a “pastagem ecológica”, que ele passou a adotar, de forma mais estruturada, a partir de 2014/2015, quando assumiu o comando da propriedade.

Atualmente, a Santa Fé do Corixinho tem 216 ha formados a partir desse conceito, que pressupõe o plantio a lanço de um mix de forrageiras em meio às árvores nativas (elimina-se apenas as plantas de baixo porte) e manejo da pastagem pelo sistema Voisin, sem uso

de herbicidas, fogo ou roçagens sistemáticas. O termo “pastagem ecológica” foi criado, em 1987, pelo agrônomo Jurandir Melado, para designar pastagens formadas com interferência ambiental mínima, em sua fazenda Santa Fé do Moquém, no município de Nossa Senhora do Livramento, na Baixada Cuiabana, MT. Em 2000, Jurandir detalhou sua experiência no livro “Manejo de Pastagem Ecológica – Um conceito para o Terceiro Milênio”. Hoje, estima-se que o modelo esteja implantado em 35.000 a 50.000 ha no País, 90% dessa área voltada à pecuária de corte.

Cruzeta entusiasmou-se com a proposta, mas descobrir que mudar velhas práticas não é fácil. “A equipe da fazenda demorou a entender o que fazer e houve muita resistência dentro da família”, lembra o gestor, que é sócio da fazenda, junto com os pais e dois irmãos. A propriedade é proveniente do patrimônio da Família Barros, que legou ao País nomes importantes como o poeta Manoel de Barros e seu irmão, o pecuarista e também escritor, Abílio de Barros. “Lá pelos anos 60, eram quase 200.000 ha. Com o tempo, as terras foram sendo divididas entre os descendentes. A parte que coube à minha família (11.300 ha) tem o tamanho mínimo para se fazer pecuária rentável na região, já que o decreto estadual 14.273, de 2015, restringiu a formação com gramíneas exóticas no Pantanal a 50%, nas partes altas (“savana arbórea”, onde ficam 40% de nossas terras) e 60% nas partes baixas, geralmente alagáveis (onde ficam os 60% restantes)”, explica o produtor.

Modelo diferente

Diante das limitações impostas ao uso das terras, era fundamental, segundo o produtor, reduzir custos, trabalhar em harmonia com o ambiente, aproveitar ao máximo os recursos naturais e entregar um produto diferenciado ao mercado, visando melhor rentabilidade. O sistema convencional de formação de pastagens (derrubada total) não se encaixava nesse contexto, muito menos na visão de pecuária de Cruzeta. Em 2002, já formado em Agronomia, ele trabalhou com pastoreio Voisin, ao lado do agrônomo Hamilton de Nadai, no norte do Mato Grosso, e se apaixonou pela técnica. “O Nadai, inclusive, já me falava do conceito de pastagem ecológica e aquilo ficou na minha memória”, lembra o pecuarista.

Quando conheceu o agrônomo especialista em Voisin André Sório, que hoje presta assistência à fazenda, Cruzeta lhe perguntou se seria possível formar pastagens ecológicas na Santa Fé do Corixinho. “O Sório não apenas assentiu, mas também me ajudou a convencer a família”, relata. Hoje, a propriedade conta com 3.500 ha de pastagens formadas com gramíneas cultivadas, incluindo 216 ha pelo modelo ecológico. Explora ainda 2.500 ha de campos nativos. Nesses 6.000 ha, o produtor mantém um rebanho médio de 4.500 cabeças, comercializando cerca de 1.800 bezeros e engordando 500 fêmeas/ano, com base no protocolo orgânico (Cruzeta é diretor financeiro da Associação Brasileira de Pecuária Orgânica – ABPO).

O primeiro projeto de pecuária ecológica da Santa Fé foi iniciado em 2010, abrangendo 120 ha com quatro divisões e sistema de água encanada. Na abertura da área, manteve-se boa parte da vegetação nativa, sobretudo árvores. As plantas restantes (de porte baixo) foram trituradas e mantidas sobre o solo, como material orgânico. Para isso, Cruzeta tomou emprestado um rolo-faca (muito usado em adubação verde), espécie de cilindro com lâminas soldadas em sua extensão, mas o equipamento era pequeno e não correspondeu 100%. “Foi um sucesso relativo. Na introdução das forrageiras (mix de piatã, massai, dictioneura e estilosantes campo grande, na proporção de 30 kg/ha), tentamos seguir o recomendado, mas a parte mais alta ficou mal estruturada e pecamos no manejo. Com o tempo, perdemos metade dos 120 ha para a brotação de plantas nativas”, revela.

Mesmo assim, esta primeira área, concluída em 2013, sinalizou viabilidade. Cruzeta conta que no ciclo 2014/2015, na primeira produção de animais cruzados 1/2 sangue Angus, colocou 150 bezeros nos 120 ha e desmamou machos com idade entre 8 e 10 meses com peso médio de 240 kg. Para seguir em frente, contudo, tinha de corrigir dois problemas: encontrar uma ferramenta (adequada) para triturar as plantas de baixo porte para viabilizar a sementeira das gramíneas e aumentar o número de divisões de pasto. “O sistema precisa girar adequadamente. Manter um lote durante 10 dias em um mesmo piquete acaba com a forrageira”, salienta o produtor.

Em 2017, ele investiu R\$ 30.000 em um rolo faca de 10 toneladas (o anterior pesava 2,5 t) e abriu mais 96 ha para formação de pastagem ecológica, dessa vez divididos em 16 piquetes. “Usei cerca elétrica, cujo manejo eu não dominava antes. Na divisão de áreas em vários piquetes, a cerca convencional fica inviável economicamente”, explica. Para abastecer esse módulo, ele ampliou a rede de água, que passou a ter 20 km de extensão (atendendo outros pastos de Voisin).

Modelo aprovado

Com a segunda experiência, Cruzeta tirou suas conclusões: “Estes 96 ha me deram segurança e comprovaram que posso levar a pastagem ecológica adiante”. No início de 2020, o produtor colocou, nos piquetes,



Eduardo Cruzeta, gestor da Fazenda Santa Fé do Corixinho, MS, associada à produção ecológica com produção orgânica

260 novilhas com peso médio de 300 kg, significando lotação de 1,8 UA/ha, semelhante à dos pasto convencionais. Em função da peculiaridade climática de 2020 (pouca chuva e seca intensa), ele tirou os animais da área no auge da estiagem (agosto/setembro) e manejou os lotes pela propriedade.

Para os próximos ciclos, pretende elevar a reserva de pasto e acredita que conseguirá lotação média de 0,8 UA/ha durante todo o período de seca. Para isso, estuda trocar o capim Massai por uma forrageira menos estacionária. “Nas águas, o Massai tem altíssima produção, mas, na seca, dá quase a impressão de que morre”, justifica. A meta a partir de 2021 é implantar 300 ha/ano de pastagem ecológica até o limite de 1.500 ha, área que ainda tem o direito de utilizar.

Para vencer este desafio, Cruzeta adquiriu um triturcap, equipamento que promete atuar na trituração vegetal, sem danos ambientais, prejuízos ao solo e sem exigir queimadas. Atualmente o pecuarista usa o aparelho no manejo de rebrota. “Ele faz o serviço do rolo-faca com mais eficiência. Com a trituração da regeneração de plantas, o material é depositado sobre a superfície do solo. Ao se decompor, contribui para a fertilidade geral, aumentando a vida biológica”, explica.

O rolo faca exigia um trator de esteira para sua movimentação, o que, segundo ele, encarecia a operação. Para o triturcap, Cruzeta utiliza um trator da fazenda,

Para eliminar a vegetação baixa nativa, foi usado um equipamento chamado triturcap, que não causa danos ao solo.



mais simples, que sofreu uma adaptação. “Instalamos um super redutor, uma espécie de caixa de câmbio que acrescenta uma marcha reduzida. Assim, o conjunto funciona em velocidade pequena, cerca de 750 m/h, como exige a operação de limpeza”, conta.

Dentre os investimentos, além dos R\$ 30.000 gastos no rolo-faca de 10 t (usado), constam R\$ 110.000 aplicados no tritucap e R\$ 25.000 na adaptação do trator. Ele ainda se prepara para a instalação de uma biofábrica (desembolso inicial previsto de R\$ 5.000) para a multiplicação de microrganismos que ajudarão na fertilização do solo e ajudarão a estimular a decomposição de resíduos. Mais R\$ 250.000 estão sendo investidos em um sistema fotovoltaico de 42 placas (de 405 watts cada) para abastecimento da fazenda e bombeamento de água. Como a propriedade ainda não recebe energia elétrica da rede concessionária, será mantida a estrutura de geração a diesel para casos de emergência.

Retorno financeiro

Indagado sobre o resultado financeiro deste modelo de pastagem, Cruzeta admite que ainda não o mensurou, mas não percebe diferenças em relação ao convencional. O que muda, segundo afirma, é o custo da abertura de área, entre 60% e 70% mais barato do que o convencional. “Considero que pasto formado é dinheiro no bolso. Além disso, baseado em minhas autorizações ambientais, a implantação deste modelo natural deixou de queimar 150 t/ha de material lenhoso e manteve o solo protegido”, diz.

Além do baixo custo de abertura, André Sório destaca como atrativos da pastagem ecológica a maior retenção de umidade no solo, elevação de seu nível de fertilidade natural e o efeito do sombreamento no desenvolvimento animal. “Diversos estudos já comprovam que este quesito pode aumentar o ganho de peso em 9%-14%, em comparação com a pastagem convencional sem árvores”, observa. Sobre o limite de intervenção física para abertura de pasto no padrão “ecológico”, Sório avisa que não há uma receita pronta. Recomendo que a escolha de área priorize pontos de vegetação nativa mais esparsa, para facilitar a entrada. Na seleção do mix forrageiro, sugiro a utilização de espécies boas de semente como andropogon, massai, estilosantes campo grande e dictioneura. Mas isso também vai do gosto pessoal. Tem pecuarista que testa a dictioneura”, salienta.

O agrônomo lembra ainda que o estabelecimento da pastagem deve se ajustar às características da vegetação existente na região: “Em uma fazenda no Mato Grosso, a limpeza de algumas áreas contou com o que chamamos de ‘rodízio controlado com alta carga instantânea’. Colocamos 1.000 vacas em piquetes de 70 hectares. Elas permaneceram até dois dias em cada um. Dessa forma, o próprio animal consumiu a vegetação, inclusive plantas mais condensadas. Além de se alimentar, ajudou na limpeza. Poucos sabem, mas há no Pantanal pastos nativos tão nutritivos quanto uma humidicola”.

Premissas da pastagem ecológica

- 1. Levar em conta a natureza** – O produtor interessado em trabalhar com pastagem ecológica deve buscar sempre o menor impacto sobre a vegetação nativa, evitando eliminar árvores e outras plantas de interesse para o ecossistema, jamais empregando o fogo como ferramenta de manejo, com exceção da ampliação de aceiros (caso não haja outra opção). Faça sua parte que a natureza fará o resto.
- 2. Proteger fauna e flora** – A manutenção das reservas florestais previstas em lei, o uso preferencial de espécies nativas no reflorestamento de áreas degradadas e a presença de vegetação nativa nos pastos ajuda a garantir biodiversidade à fazenda, o bem-estar animal e a conservação de fontes hídricas.
- 3. Ter a pecuária como carro-chefe** – O conceito de pastagem ecológica faz parte de um sistema de produção animal sustentável, que visa à preservação do máximo possível de vegetação nativa. Caso se introduza a agricultura na propriedade, que ela seja feita preferencialmente com adubação orgânica, irrigação por gravidade e combate natural de pragas. Na pecuária, trabalhar com animais adaptados e rústicos.
- 4. Formar o pasto com critério** – Procure conservar boas forrageiras nativas (como no Pantanal, por exemplo) e distribuir a lanço, no início das águas, um coquetel de forrageiras melhoradoras adequadas à região, na quantidade recomendada (cerca de 30 kg/ha). Controlar, de maneira racional, as invasoras. O processo deve ser simples e prático, para que possa ser facilmente operado pelas pessoas do campo.
- 10. Dividir a área para rotação** – Durante a formação do pasto ecológico, pode-se optar por piquetes maiores (até 12 ha), que depois serão fracionados, preferencialmente com cerca elétrica (funcionais e mais econômicas). O tamanho desses piquetes dependerá do tamanho da propriedade e dos lotes. Um piquete de 12 ha pode ser pequeno para a região do Pantanal e grande demais para uma fazenda de 500 ha.
- 12. Alta carga instantânea na formação** – O gado pode ser colocado na área após a semeadura, em lotações altas (para evitar a seletividade), durante um a três dias, para que ele pasteje a vegetação nativa, favorecendo a germinação das sementes de capim.

Fontes: Adaptado por DBO de André Sório e Jurandir Melado

